



USP ESALQ – ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

Site: A Província

Data: 23-07-08 (quarta-feira)

Link: <http://www.aprovincia.com/padrao.aspx?conteudo.aspx?idContent=98287>

Assunto: O neto piracicabano de Getúlio

O neto piracicabano de Getúlio

A nova geração nunca ouviu falar, certamente, de Moisés José da Silva. E, talvez, nem saiba que Maneco Vargas, filho de Getúlio Vargas, formou-se agrônomo por nossa Esalq. Pois bem. Em 1988, Moisés José Maria da Silva – então, funcionário da Faculdade de Odontologia – deu-nos uma entrevista, a A PROVÍNCIA impressa, que repercutiu nacionalmente. Ele, Moisés, dizia-se neto de Getúlio Vargas, filho de Maneco, que se apaixonara, morando em Piracicaba, por uma professora de nome Esmeralda.

A história de Moisés – de quem nunca mais eu soube – tinha cores ao mesmo tempo trágicas e melodramáticas. Segundo ele próprio, Maneco Vargas nem chegou a saber de sua existência, pois Esmeralda gestou o filho no recolhimento, afastando-se para não ser vítima dos preconceitos que, à época, execravam mães solteiras. Naquela reportagem, Moisés – que iniciara a luta para ser reconhecido pela família Vargas – contou que, ao nascer, foi tirado dos braços de Esmeralda, sendo adotado pela família que o criou. Veio a conhecer a mãe verdadeira quando Esmeralda, muito doente, o chamou para lhe contar toda a história. Alguns meses depois daquele encontro, Esmeralda faleceu.

Chega a ser incrível como as musas tecem as teias da vida e com que fios sutis Clio, a da história, encadeia acontecimentos, provocando situações, encontros, desencontros. A vinda de Maneco Vargas estreitou relações pessoais e familiares com os Pacheco e Chaves. Maneco e João Pacheco e Chaves foram da mesma turma da Esalq, em 1936. Naquele ano, Piracicaba se tornou centro das atenções nacionais: dona Darcy Vargas – uma das mais queridas primeiras-damas brasileiras – viera para a formatura do filho, acompanhada da filha Alzira e de Luiz Simões Lopes, ex-aluno da Esalq, ministro de Getúlio, que seria criador e presidente da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Se ninguém sabia que Maneco tivera um romance com Esmeralda e que Moisés estava sendo gerado, quase ninguém sabia – e quem sabia calou-se – da grande paixão que Getúlio Vargas vivia às escondidas, na clandestinidade, seu atormentado amor por Aimée. E mais atormentado ainda por Aimée ser e estar casada com o mesmo Luiz Simões Lopes. Praticamente com todas as letras, Getúlio revela esse seu amor desesperado e dolorido, ao longo das cerca de 1200 páginas dos dois volumes de seu “Diário”, em revelações e silêncios e reticências de 1930 a 1942. No dia 21 de janeiro de 1936, Getúlio anota: “Voltou a Piracicaba o Manuel Antônio.” Era Maneco. Enquanto isso, ele ardia de amores por Aimée.

Em 1939, uma comissão do Calq foi recebida por Getúlio, conduzida por Maneco e, depois, encaminhada a Luiz Simões Lopes. Getúlio – mal sabendo de amores do filho – perguntou, aos moços, sobre a escola, a cidade, as repúblicas, o relacionamento da cidade com os agricultores e “os casamentos de jovens estudantes e as moças da terra”. Maneco não deve ter-lhe contado nada.

Esses amores que se entrelaçam, relações que se firmam, silêncios e reticências, bastidores e segredos – se se puxar apenas um fio do grande novelo, a história corre e escorre, a musa Clio desvela o que viu em penumbras e à meia-luz. Na Chácara Nazareth – onde se hospedaram grandes vultos da vida brasileira – aconteceu grande parte da história piracicabana no século XX. Foi Simões Lopes, por exemplo, quem pleiteou, durante a ditadura getulista, a indicação de Jorge Pacheco e Chaves para prefeito de Piracicaba. Em 1942, Getúlio ainda amava Aimée, Moisés já tinha nascido. E, depois, tudo se tornou história. Que, aliás, iremos reproduzindo, aos poucos, cá em A PROVÍNCIA eletrônica. Bom dia.